Ainda sobre vírus e marés

De Fábrica Braço de Prata

Na crise grave provocada pela epidemia do Covid-19, a Fábrica do Braço de Prata respeita todas as medidas do governo. E cumprimos as suas indicações em todos os planos da nossa actividade. Suspendemos desde quinta-feira (12 de Março) as aulas da nossa Escola de Música, cancelámos todos os concertos e festas, aulas de dança, livraria, salas de exposição, encerrámos os nossos bares e o nosso restaurante. A nossa única preocupação foi anular cenários de concentração de grupos com mais de 50 pessoas e, ao mesmo tempo, proteger os nossos colaboradores dos perigos de contágio. Toda a nossa equipa foi convidada a ficar em casa nas próximas duas semanas.

Nenhuma autoridade nos obrigou a encerrar as nossas actividades a partir de 13 de Março. Fomos nós que o decidimos fazer em assembleia geral de colaboradores.

No entanto, o cumprimento zeloso de todas as medidas de protecção contra o vírus, assim como o reconhecimento do esforço heróico de milhares de técnicos de saúde, não nos torna cegos quanto ao que designámos como "agenda política securitária". Tal não significa aderir a uma teoria da conspiração. A agenda securitária que, desde a China aos Estados Unidos, e em todos os países europeus, está a ser posta em prática, não resulta de nenhum plano maléfico dos governos. A suspensão global de alguns direitos fundamentais de todos os cidadãos – como o de livre circulação, o de acesso às escolas, o usufruto de actividades artísticas e desportivas – representa apenas o estádio último de um modelo de governação que se iniciou na Europa no sec.XIX. A sua principal característica é estar fundado quase exclusivamente em argumentos biológicos. A política deixou de ser a permanente busca de consensos entre interesses antagónicos no interior de comunidades orientadas por um bem comum. O objecto da política já não é o cidadão mas a população, já não é uma realidade social mas uma realidade biológica. A política passa a ser uma "biopolítica", conceito sugerido pelo filósofo francês Michel Foucault no final da década de 70 do sec.XX, e retomado hoje principalmente pelo filósofo italiano Roberto Esposito. Ora, no regime "biopolítico", quando as decisões que afectam milhões de pessoas são tomadas por critérios biológicos de preservação da população, a agenda passa a ser securitária. Isto significa que a preocupação maior dos governos é a da segurança – que vai desde a recusa em acolher refugiados ou simplesmente estrangeiros, até à adopção de medidas radicais de saúde pública. Sabemos que foram essas agendas securitárias que estiveram na origem das políticas de protecção da raça da Alemanha Nazi, ou de alguns dos maiores genocídios da história da humanidade como os praticados contra os Arménios na Turquia, os Ucranianos na Rússia de Stalin, ou, mais recentemente na China, sobretudo na província de Xinjiang, onde o governo de Xi Jinping se referia à urgência em "reeducar" a minoria muçulmana Uigur como se se tratasse de "erradicar uma epidemia". Ao contrário do que sugeriu na sexta-feira Pedro Mexia, no programa da SIC "Governo Sombra", ao comentar o comunicado da Fábrica do Braço de Prata, para nós é claro que não há qualquer semelhança entre os "estados de alerta" ou os "estados de emergência" declarados por quase todos os governos europeus, e esses exageros securitários que conduziram ao genocídio de milhões de indivíduos. O que dizemos é outra coisa. Dizemos que a docilidade com que milhões de indivíduos na Europa aceitam o "estado de excepção" decretado pelos seus governos – para se protegerem de uma pandemia que teve origem num dos Estados mais policiados do mundo como é a China – tem um efeito político perverso e de longo alcance. Transforma em modelos de governação os regimes ditatoriais (como os de Jinping ou de Putin), e os regimes de manipulação dos cidadãos através das redes sociais e de políticas económicas que lançam na miséria milhões de indivíduos (como os de Trump e Bolsonaro). Uma das imagens mais assustadoras dos últimos dias foi a da chegada a Itália de um avião chinês. Eles ofereciam, é verdade, ventiladores aos hospitais da Lombardia. Mas ofereciam sobretudo o prestígio do método da terapia musculada com que XI Jinping, ao mesmo tempo que continha a epidemia, fazia desaparecer todos os que se atreveram a contestar, nas redes sociais, a violência aplicada na cura.

Uma prova reveladora da lenta penetração do modelo Jinping ou do modelo Putin no combate ao vírus tem sido violência das reacções (tanto no Facebook e no Instagram como nos jornais ou em programas de televisão) contra o comunicado da Fábrica do Braço de Prata. Em nome da urgência em

combater todas as formas de propagação do vírus, centenas de pessoas mostram a sua indignação quanto à nossa tese de que estamos em presença de uma "agenda política securitária". Se estivéssemos na China ou na Rússia o site da Fábrica do Braço de Prata já teria certamente sido encerrado.

A Fábrica do Braço de Prata, desde a sua origem em 2007, tem procurado ser um lugar de resistência ao "pensamento único", a esse modo de fazer circular opiniões que se validam apenas no seu alcance mediático.

Sempre contrariámos os lugares comuns e as evidências enraizadas em conceitos avulsos.

Em primeiro lugar pela forma como cuidamos das dimensões políticas da nossa actividade económica. Sendo uma empresa privada, recusamos quer o imperativo do lucro, quer a lógica da dependência face aos orçamentos das instituições públicas. Nunca recebemos qualquer tipo de subsídio – seja do Ministério da Cultura, da Câmara Municipal de Lisboa, da Gulbenkian. Somos financeiramente sustentáveis, graças ao nosso restaurante e aos nossos bares. Pagamos todos os impostos. Mas todo o dinheiro que ganhamos é reinvestido no aperfeiçoamento das condições das nossas actividades. E essas condições permitiram criar uma imensa comunidade que se alimenta da interacção entre formas de criação, de produção, de consumo. Ao longo de 13 anos, organizámos uma média de 60 concertos por mês. As bilheteiras revertem a 100% para os músicos. Por isso, desde 2007, passámos quase 2 milhões de euros do nosso público para os artistas que dão vida às nossas noites.

É uma decisão política recusar o modelo da propriedade privada, ao mesmo tempo que recusamos ser uma entidade pública, alimentada pelos impostos do orçamento de Estado. Habitamos um edifício que estava abandonado em 2007, e que nos foi cedido pelo seu proprietário através de um contrato de comodato com renda zero. Conservámos e renovámos este edifício com financiamentos próprios. Apenas desde 2016 o edifício passou para propriedade da Câmara Municipal de Lisboa. Temos vindo a negociar com a CML um contrato de arrendamento que respeite o modelo de sustentabilidade estabelecido em 2007 com o anterior proprietário. Esperamos poder assinar esse contrato em breve.

Mas o nosso combate político por novas formas de gestão de edifícios industriais abandonados passa também pelo domínio estritamente teórico. Temos a melhor livraria de filosofia do país. Recebemos desde Outubro a livraria ULMEIRO e o seu acervo monumental. Somos dos poucos lugares onde podem ser compradas todas as obras de Michel Foucault, Giorgio Agamben, Roberto Esposito, esses filósofos que nos ajudam a compreender a natureza biopolítica das formas contemporâneas de governo. Procuramos assim tornar acessíveis àqueles que nos frequentam os fundamentos teóricos, não apenas das nossas práticas, mas das nossas opiniões. Claro que não basta ler estas obras para as ter compreendido. Foi isso que deve ter acontecido com Francisco Assis, no seu artigo de opinião publicado no passado sábado no Jornal PÚBLICO. A propósito do comunicado da Fábrica do Braço de Prata, este ex-deputado europeu, licenciado em Filosofia, acusa-nos de "leituras aligeiradas de Foucault e Agamben". E diz mais: "um certo pensamento médio, ao tornar-se pretensioso, pode ultrapassar todos os limites do patético" (sic). Ficamos então à espera que, em crónicas futuras daquele jornal, Francisco Assis nos deixe saber quais seriam as leituras profundas de Foucault e Agamben. Todos nós ficaríamos a ganhar. Seria muito útil que um licenciado em filosofia, que tem acesso regular às páginas de um jornal de grande tiragem, viesse explicar ao país em que medida Foucault e Agamben não são instrumentos teóricos úteis para pensar o que está a acontecer no mundo inteiro com a pandemia do Covid-19. De outro modo, o "patético" acabará por se voltar contra Francisco Assis e contra a sua pretensão de dar lições de filosofia à boleia do consenso de opinião gerado em torno do "estado de alerta" decretado pelo governo.

Não contestamos a necessidade de utilizar medidas excepcionais para preservar a saúde de todos. Não podemos é deixar de aproveitar esta convulsão internacional para formular interrogações que há muito deviam fazer parte do nosso quotidiano. Por exemplo, como explicar que, diante da pandemia, e seguindo o modelo chinês, todos os governos tenham estado dispostos a suspender a quase totalidade dos seus tecidos económicos em nome da necessidade de salvar 1% da população, e, no entanto, esses mesmos governos sejam incapazes – a começar pela China – de alterar uma vírgula do regime predador das suas indústrias que causam a devastação dos equilíbrios ecológicos, o que permitiria salvar, não já apenas 1% da população, mas a Humanidade inteira? Outra questão. O

encerramento das fronteiras não será apenas uma medida de afirmação autoritária das soberanias nacionais? Veja-se o caso da administração Trump. Quando decreta abruptamente o cancelamento de todos os voos provenientes da Europa já existiam dezenas de milhares de infectados no interior do país. Trump quis fazer da luta contra a epidemia sobretudo a confirmação da sua política xenófoba.

Vamos ficar todos de quarentena nas próximas semanas. Não seria uma oportunidade para pensar sobre estes problemas? Em lugar de bombardear as páginas de Facebook e Instagram da Fábrica com comentários pouco sofisticados, sugerimos algumas leituras. Não é preciso sair de casa e vir até à nossa livraria. Todas as obras de Foucault, Agamben, Esposito estão acessíveis on-line, e em boas traduções.